



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ALEX RODRIGUES MARQUES DOS SANTOS

**A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE
MACEIÓ DA 1ª GERE**

Maceió
2023

ALEX RODRIGUES MARQUES DOS SANTOS

**A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE
MACEIÓ DA 1ª GERE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Jacqueline Praxedes de Almeida

Maceió
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S2371 Santos, Alex Rodrigues Marques dos.
A literatura como recurso didático no ensino de geografia nas escolas públicas estaduais de Maceió da 1ª GERE / Alex Rodrigues Marques dos Santos. – 2023.
45 f. : il. : color.
- Orientadora: Jacqueline Praxedes de Almeida.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2023.
- Bibliografia: f. 43-44.
Apêndices: f. 45.
1. Geografia - Estudo e ensino - Maceió (AL). 2. Geografia e literatura. 3. Recursos técnicos-didáticos. I. Título.
- CDU: 372.891.1(813.5)

ALEX RODRIGUES MARQUES DOS SANTOS

**A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE MACEIÓ
DA 1ª GERE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
JACQUELINE PRAXEDES DE ALMEIDA
Data: 08/03/2023 08:17:03-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a. Jacqueline Praxedes de Almeida (Orientadora)



Documento assinado digitalmente
BRUNO FERREIRA
Data: 08/03/2023 15:28:05-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Bruno Ferreira (IGDEMA/UFAL)



Documento assinado digitalmente
DENIS ROCHA CALAZANS
Data: 08/03/2023 16:29:29-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Me. Denis Rocha Calazans (IFAL-Maceió)

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus.

Aos meus pais Antônio e Charlene, que sempre acreditaram nos meus estudos.

Em especial, dedico também a minha avó materna, Maria (*in memoriam*), que foi uma luz em minha vida.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram.

A minha orientadora, por toda paciência e cuidado no decorrer desse trabalho.

Aos meus professores, que me ajudaram em toda a graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que sempre me iluminou e me guardou.

Aos meus pais, que me deram todo o apoio necessário para lograr êxito durante a minha jornada acadêmica.

À Prof.^a Dra. Jaqueline Praxedes de Almeida, por suas orientações e carinho.

Aos meus amigos de faculdade, que sempre me apoiaram e me auxiliaram durante toda a graduação.

Aos meus professores, por todo conhecimento trabalhado no decorrer do curso.

Aos meus parentes e familiares em geral, por nunca deixarem de acreditar em mim.

Por fim, destaco que todos os que aqui foram citados têm um grau imenso de importância para a minha vida acadêmica, pessoal e profissional.

“Dizem que a vida é para quem sabe viver. Mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender.”

Clarice Lispector

RESUMO

O ensino de Geografia permite que o aluno entenda a realidade do seu cotidiano. Apesar de sua importância, ainda há muitos desafios no que se refere ao ensino dessa disciplina na Educação Básica, pois ainda predomina nas escolas uma visão tradicional do ensinar Geografia. Assim, ressaltasse a necessidade da busca de novas metodologias para o ensino de Geografia como uma forma de favorecer uma maior aproximação dos conteúdos estudados com o cotidiano dos alunos, sendo necessário para isso, dentre outros elementos, que se busque despertar nos alunos o desejo em aprender e o interesse pelo o que está sendo lecionado pelo professor. Diante do exposto, o uso da Literatura pode ajudar no processo de estimular o interesse dos alunos para os conteúdos geográficos. Além disso, a interação entre Literatura e Geografia se baseia na capacidade que a Literatura tem de mostrar a realidade vivida pela sociedade através das obras literárias, sendo essa situação um facilitador para o entendimento da Geografia e de suas categorias de análise, como o espaço, o lugar, a paisagem, o território e a região. Junto a isso, a capacidade que a Geografia tem de trabalhar as interações do homem com o espaço geográfico pode ser auxiliada pelas obras literárias, já que as mesmas descrevem uma grande diversidade de acontecimentos em diferentes espaços e tempos. Sendo assim, a utilização de obras literárias, sendo elas caracterizadas ou não como paradidático, nas aulas de Geografia, se torna algo importante, já que pode favorecer aos professores de Geografia uma ação educativa mais lúdica e conectada com a realidade. Logo, esse Trabalho de Conclusão de Curso, que tem os resultados apresentados oriundos do projeto de pesquisa “Ensino de Geografia e Literatura: o PNLD literário nas escolas públicas estaduais de Maceió”, buscou saber, dentre outras questões, qual era a perspectiva dos professores da Rede Pública Estadual de Maceió sobre o uso da Literatura como recurso de ensino nas aulas de Geografia, se os mesmos já utilizaram ou utilizam a mesma em suas aulas, se o uso da Literatura foi apresentada como recurso didático na formação inicial e continuada dos professores e se houve a participação do professor de Geografia na escolha das obras do PNLD Literário 2018. Também buscou-se saber, na visão dos professores, sobre os hábitos de leitura dos alunos. No que concerne a metodologia da pesquisa, foi realizado o levantamento e leitura de material bibliográfico no que diz respeito a temática. Cabe ressaltar que o instrumento para a coleta dos dados foi o questionário, tendo como alvo os alunos e professores de Geografia da Rede Pública Estadual. Os resultados da pesquisa demonstraram que a realidade do ensino de Geografia ainda segue um modelo tradicional, que a maioria dos professores não utiliza a Literatura em suas aulas ou possuem dificuldades de como utilizá-las.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Literatura, Recurso de ensino.

ABSTRACT

The teaching of Geography allows students to understand the reality of their daily lives. Despite its importance, there are still many challenges regarding the teaching of this subject in Basic Education, since a classical vision of teaching Geography still prevails in schools. Thus, it is necessary to look for new methodologies to teach Geography as a way to bring the contents studied closer to the students' daily lives, and, among other elements, to arouse in the students a desire to learn and an interest in what is being taught by the teacher. In view of the above, the use of Literature can help in the process of stimulating the students' interest for the geographic contents. Moreover, the interaction between Literature and Geography is based on the capacity that Literature has to show the reality experienced by society through literary works, and this situation facilitates the understanding of Geography and its analysis categories, such as space, place, landscape, territory, and region. In addition, the ability of Geography to work on the interactions of man with the geographic space can be aided by literary works, since they describe a great diversity of events in different spaces and times. Thus, the use of literary works, whether or not they are paradidactic, in Geography classes is important, since it can provide Geography teachers with an educational action that is more fun and connected to reality. Therefore, this Course Conclusion Paper, whose results were presented as a result of the research project "Teaching Geography and Literature: o PNLD literário nas escolas públicas estaduais de Maceió", sought to know among other questions, what was the perspective of teachers of the State Public Network of Maceió about the use of Literature as a teaching resource in Geography classes, if they have used or use it in their classes, if the use of Literature was presented as a teaching resource in the initial and continued training of teachers and if there was the participation of the Geography teacher in the choice of works of the PNLD Literary 2018. It was also sought to know, in the view of teachers, about the reading habits of students. Regarding the research methodology, a survey and reading of bibliographic material on the theme was carried out. It is worth mentioning that the instrument for data collection was the questionnaire, targeting students and Geography teachers from the State Public Network. The results of the research showed that the reality of Geography teaching still follows a traditional model, that most teachers do not use Literature in their classes or have difficulties on how to use it.

Keywords: Geography Teaching, Literature, Teaching Resources

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização das Escolas pesquisadas	32
Figura 2 – Localização das Escolas pesquisadas	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Escolas e seus respectivos bairros	31
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gêneros literários que os professores mais gostam	39
---	----

LISTA DE ABREVIAMENTO E SIGLAS

ERELIC	Encontro Regional de Licenciaturas
GERE	Gerencia de Ensino
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação de Alagoas

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Ensino de Geografia: Contextualização Histórica e Perspectivas	13
2.1 O Ensino da Geografia: um olhar histórico.....	13
2.2 Desafios e importância do ensino de Geografia na Educação Básica	17
2.3 Novas perspectivas no Ensino da Geografia	20
3. Contribuições da Literatura para o Ensino da Geografia.....	23
3.1 O Uso da Literatura como Recurso Educativo	23
3.2 A Literatura e o Ensino da Geografia.....	25
3.3 O Livro Paradidático nas Aulas de Geografia.....	30
4. O Uso da Literatura pelos Professores da Rede Pública Estadual de Maceió: Procedimentos Metodológicos, resultados e discussões	30
4.1 Metodologia	30
4.2 A Literatura como Recurso Didático nas Aulas de Geografia das Escolas Públicas Estaduais de Maceió da 1ª GERE	34
4.2.1 O perfil dos professores, sua visão sobre a leitura e seu conhecimento sobre a biblioteca/sala de leitura da escola.....	34
4.2.2 O uso da Literatura como recurso didático e o PNLD Literário	35
4.2.3 A literatura na formação inicial e continuada dos professores de Geografia e o hábito da leitura	38
Conclusão	41
Referências	43
Apêndices.....	45
Apêndice A - Questionário da pesquisa	45

1 INTRODUÇÃO

Diante da necessidade de se ter uma educação que desperte o interesse dos alunos para o que está sendo trabalhado, faz-se necessário destacar a importância de novas metodologias no ensino de Geografia com intuito de formar cidadãos críticos perante a realidade, sendo o uso da Literatura, como recurso didático, um instrumento que pode ajudar nesse processo, bem como promover um ensino da Geografia mais ativo, significativo e motivador.

Dentro dessa perspectiva, Coelho (2016) ressalta que a utilização de obras literárias no ensino de Geografia se constitui como uma proposta enriquecedora e renovadora, já que ajuda a ultrapassar as barreiras do ensino tradicional através da valorização da realidade vivida pelo aluno.

Logo, faz-se premente a necessidade de uma busca por um ensino que possibilite despertar o interesse dos alunos pelos conteúdos mediados e que os ajude a fazer a conexão do que está sendo estudado em sala com a realidade vivida, sendo a interação entre Geografia e Literatura capaz de contribuir com esse processo. Para tanto, é urgente que escolas e professores, busquem estimular o hábito da leitura dos discentes.

Logo, este Trabalho de Conclusão de Curso, que tem por temática a Literatura como recurso didático no ensino de Geografia nas Escolas Públicas Estaduais de Maceió da 1ª Gerência de Ensino (GERE), tem como objetivo geral averiguar a visão dos professores sobre as contribuições da literatura no ensino da Geografia, e como se deu o processo de escolha das obras literárias do Programa Nacional do Livro e do Material didático (PNLD) Literário nas escolas públicas estaduais da 1ª GERE que ofertam o Ensino Médio na cidade de Maceió, bem como se uso da Literatura foi apresentada como recurso didático na formação inicial e continuada dos professores, e se houve a participação do professor de Geografia na escolha das obras do PNLD Literário 2018.

Posto isto, o presente estudo foi dividido em três capítulos: no capítulo 1, intitulado: “Ensino de geografia: contextualização histórica e perspectivas”, foi realizada uma análise no que se refere à historicidade do processo de consolidação da Geografia no espaço escolar, levando em consideração o contexto ao qual ela surge, a influência das correntes do pensamento geográfico nesse processo, bem como a importância e desafios que a Geografia enfrenta na Educação Básica.

No Capítulo 2, “Contribuições da literatura para o ensino da geografia”, foi traçada a possibilidade da Literatura para o processo educativo, bem como a interação existente entre ela

e a Geografia. Da mesma forma, sobre a relevância da utilização de Livros Paradidáticos nas aulas de Geografia.

2 ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E PERSPECTIVAS

2.1 O Ensino da Geografia: um olhar histórico

Em relação à historicidade da Geografia, Oliveira Junior (2020) afirma que ela se consolida em primeira instância no espaço escolar para posteriormente surgir na academia. Foi para suprir as necessidades da escola que surgem os primeiros cursos universitários.

Para Pereira (1988), a Geografia surge como disciplina escolar integrante do currículo da Alemanha, no começo do século XIX. Bem como, essa disciplina teria exercido um grande papel na consolidação da identidade alemã. Segundo Ribeiro (2011), a Geografia dos professores, ensinada no ensino primário e secundário, teve seu primeiro impulso durante a popularização da escolarização alemã ao longo do século XIX.

É interessante observar que os escritos de Pereira (1988) descrevem que o surgimento da Geografia enquanto disciplina nas propostas curriculares das escolas primárias e secundárias está ligado de maneira intensa com o sistema escolar, segundo Pereira (1988), isso ocorre pelo fato de que, tanto a Geografia quanto o sistema escolar, surgem no mesmo século.

A disciplina de Geografia no berço de seu crescimento na Alemanha, adquire um caráter meramente descritivo, ignorando os problemas sociais do mundo circundante e privilegiando situações gerais e abstratas (PEREIRA, 1988). Logo, os conteúdos ensinados podem ser associados às características da Geografia Clássica ou Tradicional, estando a influência das correntes do pensamento geográfico presente em todo processo evolutivo da Geografia enquanto disciplina escolar.

Ainda sobre a influência da corrente tradicional na disciplina de Geografia, Pereira (1988, p. 14) afirma que

este saber transmitido pela geografia tradicional elimina o raciocínio e a compreensão e leva a mera listagem de conteúdos dispostos numa ordem enciclopédica linear que, mais uma vez, evidencia uma precedência do natural sobre o social, para que o social seja visto como natural.

Sem a discussão ou aprofundamento em relação aos temas que se referem às formas de apropriação da natureza, o ensino de Geografia torna-se acrítico, sem nenhuma funcionalidade questionadora perante os problemas sociais existentes, transformando o ensino de Geografia em uma disciplina mnemônica. Nesse contexto, Pereira (1988) explicita que esta forma de

trabalhar a Geografia na escola, além de enfadonha, não corresponde a organização humana do espaço, porque não considera que todo arranjo espacial contém em si, relações sociais.

Em vista disso, há uma necessidade de mencionar as palavras de Lacoste (1985). Para o autor, existe uma diferenciação entre uma Geografia dos “Estados-Maiores” e a Geografia dos professores. A primeira seria uma Geografia que vai se utilizar dos conhecimentos cartográficos e de outros elementos do espaço como ferramentas para a dominação e poder. Já em relação a segunda, seria uma forma de mascarar as verdadeiras intenções do Estado, utilizando-se de discursos pedagógicos baseados nas metodologias da Geografia tradicional.

Pode-se perceber, que o ensino de Geografia sofre drasticamente com as consequências teóricas advindas do movimento Tradicional da Geografia. Nas palavras de Pereira (1988, p.17), “[...] consagrou-se um determinado modelo de Geografia escolar que vem sendo reproduzido desde as suas origens até os dias atuais. [...]”

Partindo desse contexto, nota-se uma fragilidade do ensino da disciplina de Geografia no decorrer de sua evolução histórica, trazendo consigo uma carga descritiva e sem despertar no aluno o real sentido da importância da Geografia para o seu processo de formação como sujeito crítico perante a realidade a qual ele vive e atua. Logo, percebe-se que

esta Geografia que derrama sobre o aluno um amontoado de informações atomizadas sobre o mundo físico e que apresenta o homem como apenas mais um elemento componente deste mundo, traduz uma verdade sobre o espaço geográfico que ignora a intervenção humana sobre ele (PEREIRA, 1988, p.19).

Ainda segundo Pereira (1988), a própria insuficiência cognitiva da Geografia dominante nas escolas se encarrega de reduzir sua importância, em função de seu comprometimento prioritário com a simples observação e catalogação de informações. Desse modo, para aprender a disciplina de Geografia, baseada em dados tão estanques e sem sentido, que se chocam inclusive com a própria percepção concreta que o aluno possui acerca do espaço, basta ter boa memória (PEREIRA, 1988).

Nesse contexto, Oliveira Junior (2020), afirma que a Geografia Clássica, em consonância com a educação tradicional, visualizava o professor como o “mestre absoluto” detentor de todo o conhecimento e o aluno era como simplesmente um ser passivo diante do processo. Sendo assim, a Geografia descritiva encontra um “habitat” adequado para se consolidar no âmbito escolar.

Dessa forma, percebe-se a parca contribuição da Geografia enquanto disciplina escolar em despertar a criticidade nos alunos. Partindo desse pressuposto, Segala e Leme (2015)

descrevem que no século XX se fez necessário repensar sobre a forma a qual estava sendo ensinada a Geografia nas escolas. Alegando que as grandes transformações ocorridas no século XX, no cenário mundial, econômicas, culturais e sociais promovem um debate acerca da atuação da Geografia escolar frente a esse processo. Nesse viés, os autores afirmam

[...] que a revolução industrial, bem como as novas revoluções na indústria, o mercado capitalista, o mundo em constante processo de integração através da globalização, a expansão do trabalho informal, são exemplos que contribuíram a essas transformações. São questões o qual nos provoca a refletir qual a importância da Geografia, e principalmente o ensino de Geografia, para entender esse processo (SEGALA; LEME, 2015, p. 15322).

Sendo assim, Vesentini (2008, p. 20 apud SEGALA; LEME, 2015, p. 15322), aponta que a educação precisa

[...] ser fundamentada num ensino não mais “técnico”, como na época do fordismo e sim “construtivista”, no sentido de levar as pessoas a pensar por conta própria, aprendendo a enfrentar novos desafios, criando novas respostas em vez de repetir velhas fórmulas.

Ainda nesse viés, pode-se afirmar que

a função de qualquer disciplina não é o entendimento de seu objeto de estudos, e sim a partir dele colaborar para a compreensão do todo. A Geografia, por intermédio de seu objeto de estudo – o espaço geográfico pode, e, deve oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla (OLIVA, 2008, p. 46 apud SEGALA; LEME, 2015, p. 15322).

Logo, percebe-se que o papel da Geografia em sala de aula não deve limitar-se a memorização de conteúdo, mas deve favorecer a compreensão e aplicação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos no seu cotidiano. Nesse processo de evolução da Geografia, tem-se a influência da Geografia Quantitativa, também denominada de Pragmática ou Teorética.

Para Oliveira Junior (2020), a corrente pragmática, ao surgir como proposta de renovação, não exerce um papel muito distinto das ideias da Geografia tradicional, pois segue a concepção errônea da neutralidade científica e não faz uma análise do espaço considerando suas totalidades. Dessa forma, sua influência no Ensino de Geografia não consegue modificar a forma como estava sendo proposta.

Nesse sentido, cabe observar o processo de renovação da Geografia, como disciplina escolar, a partir das contribuições da Geografia Humanista e Crítica, sendo que a Humanista

[...] em nível escolar, pode ser empregada para melhoria do processo de ensino-aprendizagem, pois imputa à reflexão e ação sobre o ensinar/ aprender, o que ensinar/aprender, o como ensinar/aprender, pautada na subjetividade dos sujeitos envolvidos na relação de ensino/aprendizagem, num determinado lugar e momento de mundo. Por isso possibilita um ensino de Geografia que oriente à cidadania e a compreensão do mundo vivido. (SUESS; LEITE, 2018, p. 176).

Desse modo, as reflexões a partir da Geografia Humanista na escola

[...] vão mostrar a necessidade de considerar a concepção humana em relação ao espaço que vos cerca, através de suas experiências diante daquele meio, considerando que cada ser humano enxerga o mundo através de uma ótica diferenciada baseada em sua própria realidade social. (OLIVEIRA JUNIOR, 2020, p. 183)

Já em relação a influência da Geografia Crítica nas escolas, que da mesma forma buscou, em seu processo de desenvolvimento, a fuga de um modelo tradicional de ensino, pode-se dizer que

[...] em paralelo ao movimento da Geografia Crítica desenvolveu-se o movimento da Pedagogia Crítica. Os pensadores de ambos defendiam pressupostos teóricos semelhantes, o que possibilitou um terreno fecundo para a discussão de uma renovação efetiva na educação, em geral, e no ensino de Geografia, em específico. Assim, a concepção de professor predominante, os cursos de formação docente e o currículo escolar foram questionados e iniciou-se uma reflexão com o intuito de construir um projeto educacional que visasse a libertação e não a alienação do sujeito e a legitimação da ordem estabelecida (MENEZES, p. 355-356 apud OLIVEIRA JUNIOR, 2020, p.188).

Em vista disso, temos um processo de transição de um ensino tradicional, pautado na memorização e descrição para um que estimula a reflexão crítica e análise dos fatos vivenciados, possibilitando ao discente a capacidade de exercer a criticidade perante a realidade a qual vive, reconhecendo as consequências das interações do homem no espaço geográfico.

Diante da complexidade de um mundo globalizado, faz-se premente a compreensão da realidade por parte dos educandos, estando o ensino de Geografia também envolvido nesse contexto.

Vesentini (2004), citado por Oliveira Junior (2020), ressalta que a Geografia crítica escolar não se limita a uma renovação do conteúdo trabalhado em sala de aula, mas também por novas formas de condução para um melhor esclarecimento do objeto de análise geográfica por parte dos alunos.

Sendo assim, segundo Oliveira Junior (2020), compreende-se então que o modelo da Geografia crítica nas escolas é uma clara resposta a metodologia descritiva e mnemônica que permanecia e ainda se faz presente nas escolas, seja por motivações ideológicas dos agentes dominantes, seja por causa das condições estruturais escolares que acabavam impossibilitando alguns professores de repensar e rever sua prática em sala de aula.

2.2 Desafios e importância do ensino de Geografia na Educação Básica

O papel da Geografia na Educação Básica é importante para a formação do aluno, sendo responsável por despertar o senso crítico do discente no decorrer de sua formação. Sobre isso, Machado (2020) descreve que ela tem participação direta na formação do aluno, pois é através dela que o aluno, ao longo de sua trajetória no ensino básico, consegue desenvolver o seu senso crítico e tornar-se um indivíduo reflexivo, além de conhecedor do espaço em que ele convive.

Entretanto, grandes desafios são impostos ao ensino desta disciplina. Nesse viés, Costa e Almeida (2015, p. 1), alegam que

ensinar Geografia não se constitui em uma tarefa fácil, uma vez que requer do docente uma constante avaliação de sua prática pedagógica, para repensar suas metodologias, planejamentos e formas de avaliação, considerando-se que são muitas as problemáticas que se apresentam no âmbito escolar e no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda segundo Costa e Almeida (2015), a dinâmica da sala de aula e da escola tem se constituído como um processo complexo, o que impõe como desafio para o professor de Geografia, não apenas domínio dos conteúdos formais, mas também torna necessário o uso de recursos didáticos adequados que estimulem a curiosidade dos alunos, bem como têm o intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, para que o ensino dessa disciplina não se torne algo tradicional, pautado na memorização, torna-se um desafio para o docente o ato de buscar novos meios de lecionar, para que suas aulas despertem a curiosidade do discente. Logo, “[...]as abordagens, conteúdos, métodos e metodologias do ensino dessa disciplina necessitam de uma constante readequação para atender as necessidades dos educandos e também aos desafios que se apresentam hoje na prática pedagógica” (COSTA; ALMEIDA, 2015, p. 1).

Dentro de uma lógica tradicional, o ensino, de um modo geral, foi pautado em uma concepção “bancária”, que de acordo com Freire (2005), se baseia na condução dos educandos à memorização mecânica do conteúdo ensinado. Mais ainda, a narração os transforma em

“vasilhas”, recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Ainda em meio ao pensamento de Freire (2005), a educação se torna um ato de depositar, em que os alunos são os depositários e o professor o depositante.

Desse modo, Costa e Almeida (2015), alegam que com o Ensino de Geografia não foi diferente, durante muito tempo foi baseado em uma matéria mnemônica, exigia que os alunos se preocupassem apenas com aspectos naturais de uma determinada região, estudando seus fenômenos de maneira isolada e fragmentada sem relacioná-los com as ações humanas.

De acordo com Straforini (2008, apud COSTA; ALMEIDA, 2015, p. 3), o objetivo principal do ensino tradicional era a transmissão de conhecimentos prontos, tendo assim uma preocupação conteudista. Ele afirma que nesta modalidade o aluno é visto como um agente passivo, cabendo a eles decorarem e memorizarem o conjunto de conhecimentos significativos da cultura da humanidade previamente selecionados e transmitidos pelo educador em aulas expositivas.

Partindo desse contexto, pode-se perceber que o principal desafio da Geografia na contemporaneidade é a fuga do modelo tradicional de lecionar essa disciplina. Logo,

ensinar Geografia na atualidade constitui uma tarefa bem mais complexa, pois essa ciência ganhou outra conotação e largou as vestes do ensino mecânico, que tinha o aluno como mero receptáculo de conteúdo e passou a adotar novas metodologias de ensino que favorecem a real aprendizagem dos alunos. O conhecimento não está mais associado apenas a aspectos descritivos e sim, a uma gama de fatores que se inter-relacionam e interagem entre si. Tais fatores devem estar associados à realidade do aluno, dando-se ênfase ao seu conhecimento de mundo (COSTA; ALMEIDA, 2015, p.3).

Ainda no pensamento de Costa e Almeida (2015, p.3),

a educação exigida na contemporaneidade é aquela que prima pelo desenvolvimento integral dos alunos e este se dá a partir do momento em que se percebe que o aluno não é apenas um ator, que representa a sociedade da forma esperada, mas, sim o autor de sua história, da sua aprendizagem. Esta, como sabe-se deve estar associada à realidade do aluno, ou seja, a sua vivência. Associar a realidade dos alunos ao contexto sócio histórico ao qual ele pertence é primordial para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, percebe-se a importância da Geografia para a compreensão da realidade vivida pelo indivíduo, fazendo com que o mesmo associe as problemáticas sociais com as interações do homem no espaço geográfico.

Vale destacar nesse processo o papel da escola. Para Cavalcanti (2002, apud COSTA; ALMEIDA, 2015, p. 4) a escola tem de trabalhar o conhecimento do educando, ampliando-o e alterando-o sempre que necessário, no confronto e no encontro com saberes sistematizados pela ciência e organizados pedagogicamente. Ainda segundo a autora, a instituição de ensino e a Geografia escolar precisam se empenhar em formar alunos com capacidade de pensar cientificamente, para que possam assumir atitudes ético valorativas, dirigidas a valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, o reconhecimento da diferença, o respeito à vida, ao ambiente, aos lugares e a cidade.

Nesse sentido,

[...] percebe-se que o objeto principal no ensino básico é a formação do educando para a prática da cidadania, levando-os a compreenderem as noções básicas de sociedade, cultura, trabalho e natureza. Propondo assim, que o aluno compreenda a lógica da formação da natureza relacionando-a com a formação social. (COSTA; ALMEIDA, 2015, p.3)

Portanto, ela se torna importante para o indivíduo devido a sua capacidade em despertar sua criticidade perante a realidade a qual ele faz parte. Visto que,

é preciso mostrar aos nossos alunos que podemos entender melhor o mundo em que vivemos, se pensarmos o espaço como um elemento que ajuda a entender a lógica, não raro absurda, do mundo. Mostrar que sabemos Geografia não é sabermos dados ou informações atuais ou compartmentadas, mas, sim, relacionarmos as informações ao mundo cotidiano de nossos alunos. (KAERCHER, 2015 p. 224 apud PINTO; CARNEIRO, 2019, p. 11).

Ainda sobre a importância da Geografia na Educação Básica, Machado (2020, p. 6) afirma que ela

[...] tem como principal contribuição na educação básica desenvolver o raciocínio geográfico, dessa forma o estudante desenvolve noções de mundo e compreende as constantes transformações da sociedade e da natureza e assim poder contribuir com soluções para eventuais problemas estando preparado para a vida adulta e o mercado de trabalho.

Todavia, devido a sua relevância para a formação dos discentes, traz consigo uma responsabilidade enorme para o professor, pelo fato de que exige do docente

[...] um conhecimento consistente da disciplina ou de suas atividades, da maneira como os estudantes aprendem e de como serão conduzidos os recursos de ensino a fim de que se ajustem melhor às condições do trabalho que será feito (ZABALZA, 2004 apud MACHADO, 2020, p.6).

Sendo assim, vários desafios são impostos para que o ensino de Geografia transponha um molde tradicional de ensino-aprendizagem e proporcione aos alunos o que é mais relevante, a compreensão da realidade vivida.

2.3 Novas Perspectivas no Ensino da Geografia

No que concerne ao ensino de Geografia, nota-se que, ao longo de sua história, essa disciplina se caracterizou como matéria mnemônica e simplista, em virtude de seus fundamentos teórico-metodológicos estarem ajustados à prática de ensino tradicional, que primava pela memorização dos dados e fatos geográficos e estava comprometida com uma educação voltada ao nacionalismo patriótico. (BARBOSA, 2016, p. 83).

Percebe-se também que, na perspectiva de Costa e Almeida (2015), era função do professor de Geografia exigir a memorização dos conteúdos como: o nome de todas as capitais do Brasil e de outras nações, principais rios e onde eles se localizavam, enfim, a Geografia herdou do Positivismo, a ideia de observar o fato tal como se apresentava, desprezando, portanto, a complexidade que o mesmo comporta, reproduzindo informações, dando a Geografia o título de disciplina decorativa, mnemônica e acrítica, marcas de uma prática tradicional.

Logo, faz-se necessário compreender que, com o processo de evolução do mundo, é primordial pensar em novas perspectivas no ensino dessa disciplina. Pelo fato de que,

[...] é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os educandos, por meio de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares, regiões, espaço e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos ler e explicar as paisagens e os lugares. (COSTA; ALMEIDA, 2015, p.4).

Sendo assim, de acordo com Cardoso e Queiroz (2016), percebe-se que a atividade docente exige do professor além do domínio dos conteúdos específicos da sua disciplina, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno a construção do conhecimento e uma reflexão mais crítica da realidade.

Nesse sentido, considerar o ensino de Geografia numa visão crítica é proporcionar ao estudante a leitura do mundo, ajudando-o a compreender que a nossa realidade é uma elaboração do social sobre a natureza. (BARBOSA, 2016, p. 83)

Cardoso e Queiroz (2016), alegam que esse conhecimento se constrói a partir de diversas maneiras (visual, auditiva, cognitiva, entre outros), cada indivíduo desenvolve capacidades diferentes nessa construção. Assim, observamos a necessidade e a formulação de diferentes linguagens e metodologias que podem auxiliar no processo do ensino e aprendizado.

Desse modo, faz-se necessário fugir de um modelo tradicional, pautado em aulas expositivas ou leitura de textos do livro didático, visto que, necessita-se na contemporaneidade de um ensino que desperte o interesse, a reflexão e a criticidade dos alunos, assim, no pensamento de Cardoso e Queiroz (2016), novas práticas no ensino de Geografia a torna mais prazerosa, lúdica e instigante, possibilitando uma aproximação dos conteúdos com a realidade e uma melhor compreensão e apropriação por parte dos alunos.

Nesse viés, Cardoso e Queiroz (2016), consideram que o uso de diferentes linguagens tem o papel de transformar as aulas de Geografia em momentos mais atraentes, possibilitando que os alunos percebam a importância da disciplina no seu processo de formação, através da relação dos conteúdos estudados em sala com o seu cotidiano. Na busca de novas perspectivas no ensino de Geografia, “[...] percebemos que hoje se torna cada vez mais necessário o uso de múltiplas linguagens/instrumentos para o ensino (músicas, poesias, maquetes, vídeos, jornais, revistas, entre tantas outras), como forma de trazer a realidade concreta para a sala de aula.” (CARDOSO; QUEIROZ, 2016, p.2)

Neste sentido,

diante da grande diversidade que nos é apresentada hoje, precisamos (re)pensar constantemente nossas práticas docentes. Não podemos pensar uma aula apolítica, conteudista e de forma tradicional, que visa a um resultado traduzido principalmente pelas notas de prova. É urgente trazer para o contexto da sala de aula novas linguagens e metodologias que auxiliem neste processo. Assim, a proposta de se pensar as práticas escolares formais e não formais a partir da diversidade, com as novas tecnologias – as novas ou as velhas linguagens revisitadas/(re)significadas –, torna-se de fundamental importância. (CARDOSO; QUEIROZ, 2016, p.6)

Logo, Cardoso e Queiroz (2016), afirmam que se faz necessário aproximar cada vez mais a realidade do aluno ao que é ensinado na escola. Nesse sentido, Callai (2005 apud CARDOSO; QUEIROZ, 2016) ressalta a importância de se valorizar a experiência dos alunos, afirmando que é a partir da vivência concreta que se busca a ampliação do espaço da criança

com a aprendizagem da leitura desses espaços e, como recurso, desenvolve-se a capacidade de aprender a pensar o espaço, desenvolvendo raciocínios geográficos, incorporando habilidades e construindo conceitos.

Nesse viés, Cardoso e Queiroz (2016, p. 7), afirmam que

devemos contextualizar este conhecimento, usar os recursos atuais e mostrar para nosso aluno que a informação nem sempre é acompanhada por uma formação adequada. Podemos usar as redes sociais, a internet, o livro didático, mapas, vídeo, música, entre tantas outras metodologias para auxiliar na construção do conhecimento eficaz e crítico. [...] se soubermos explorar esses preciosos recursos nos quais temos a disposição, de maneira correta, teremos em mãos uma poderosa ferramenta e vários instrumentos que nos possibilitam “irmos a todos os lugares” e não esquecendo da globalidade desse conhecimento que nos atinge de forma rápida. Um detalhe que merece ser mencionado é que podemos trabalhar os aspectos humanos, físicos, ambientais, sociais, econômicos, históricos e outros da Geografia. E o melhor: podemos trabalhar a sua relação sem dissociar uma da outra, sem separar o conhecimento nas famosas caixinhas.

Diante do exposto percebe-se a importância do uso de novas metodologias no ensino de Geografia como forma de ampliar o conhecimento dos alunos, bem como meio para o afastamento de uma prática docente baseada no modelo tradicional de ensino, pautada apenas em uma leitura acrítica dos livros didáticos e do uso do quadro e do giz.

3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

3.1 O Uso da Literatura como Recurso Educativo

No que concerne ao uso da Literatura enquanto recurso educativo, Freitas (2020) alega que ela, como forma de expressão artística e como possibilidade de contato com o que é belo, estético, criativo, contribui para a formação do indivíduo como sujeito social, visto que desperta a sensibilidade, a emoção para a transcendência do que é a sua realidade.

Ainda na perspectiva de Freitas (2020, p. 103), em relação ao uso da Literatura no processo educativo, afirma que

lidar com textos variados e desafiadores à criatividade é uma proposta para o ensino, em suas diferentes etapas. Proporcionar ambientes variados para leitura, como, por exemplo, a biblioteca da escola ou do município, o pátio da escola, a natureza e a sombra de uma árvore, também são formas de aproximar os estudantes, crianças e adolescentes, da Literatura, fortalecendo o vínculo entre esses estudantes com a experiência prazerosa que o contato com o texto literário proporciona.

Freitas (2020), ainda enfatiza que o acesso a esses ambientes para o trabalho com a Literatura permite desenvolver a autonomia do estudante, possibilitando, conseqüentemente, a formação de sua personalidade, na qual ele aprende a conhecer a si mesmo de forma significativa, reconhecendo-se como indivíduo social e particular ao mesmo tempo em que identifica suas preferências, sensações e singularidades em meio à coletividade. Logo, por conta disso, o uso da Literatura não deve ser uma atividade obrigatória e entediante, mas, sim, significar um momento prazeroso e agradável, em que habilidades críticas e sensíveis à humanidade se constroem, baseadas na experiência com a expressão artística.

Nesse sentido,

é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens [...] e parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo é tão eficaz quanto a que a Literatura permite (COELHO, 2000, p. 15 apud FREITAS, 2020, p.104)

Segundo Freitas (2020), o aluno não amplia somente seu repertório de obras com a Literatura, mas começa a entender as diferentes características dos gêneros literários, como, por exemplo, suas formas de elaboração, suas intenções, o contexto social e histórico de sua composição, os temas subjacentes ao texto e ao gênero, a história de vida do autor do texto,

entre outros elementos, relacionados, especialmente, ao âmbito das emoções e da fruição estética que a Literatura promove.

Ademais, a Literatura enquanto recurso educativo tem o poder de fazer com que o estudante compreenda melhor determinada obra, analisando seu contexto de criação e os recursos linguísticos necessários. Sendo assim, a Literatura proporciona ao leitor o autoconhecimento, fator indispensável na formação de cidadãos cientes e capazes de intervirem em processos sociais de seu tempo (FREITAS, 2020).

A literatura contribui para o processo de ensino-aprendizagem proporcionando diversas formas de entender a realidade a qual o indivíduo atua. Nesse sentido,

a Literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o a conhecê-lo melhor (ZILBERMAN, 1994, p. 22 apud FREITAS, 2020, p.104).

Nesse viés, Santos (2017) alega que ao ler as obras do passado, o leitor vai contextualizá-las a partir de suas experiências e leituras de mundo, tornando-as recentes.

Logo, ao ler o texto em outro momento, redescobrirá e atualizará sua leitura e visão do próprio texto. Ainda na perspectiva de Santos (2017), a obra literária atua em nosso subconsciente de forma que não percebemos, trazendo situações que nos remetem ao pensar sobre, a criar caminho de superação, a reavaliar nossas atitudes. Situações que nos leva a um crescimento enquanto pessoa.

Sendo assim, o uso da obra literária enquanto ferramenta de ensino abre um leque das possibilidades de instigar os alunos a compreenderem melhor o lugar onde vivem e atuam como seres modificadores do espaço. Cabe ressaltar que, através dos escritos literários, entende-se as relações socioespaciais do mundo. Visto que, as obras literárias carregam em si uma enorme e significativa carga historiográfica.

Santos (2017) alega que quanto maior for a diversificação dos textos literários apresentados aos alunos, maior será a experiência que eles terão. Ou seja, as associações com os conteúdos vistos em uma disciplina como a Geografia, por exemplo, fazem com que o aluno associe com mais facilidade o conteúdo trabalhado através das obras literárias.

Na perspectiva de Coelho (1997, apud SANTOS, 2017), a Literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente

pelo entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem, já que, mesmo através da ficção, possibilita ao leitor a reflexão sobre a condição humana, pois é a vida real a fonte de inspiração dos autores. Através de suas obras os escritores recontam essas experiências, ora se valendo apenas do realismo do dia a dia, ora do mundo maravilhoso e fantástico

Diante do exposto, pode-se afirmar que a literatura é um importante recurso no processo de ensino e aprendizagem, pois, através dela, os professores podem promover possibilidades para que seus alunos interpretem e reflitam sobre os acontecimentos historiográficos no mundo.

3.2 A Literatura e o Ensino da Geografia

No que se refere à interação existente entre a Literatura e o ensino de Geografia, pode-se notar, através da perspectiva de Garcia (2019), que essa interdisciplinaridade possibilita a aprendizagem de fatos geográficos, os quais podem ser desenvolvidos por meio do diálogo entre o aluno e a obra literária, intermediada pelos saberes geográficos ensinados pelo professor, motivando a reflexão e a construção do conhecimento.

Ainda nessa perspectiva, Garcia (2019) alega que a abordagem tem sua fundamentação teórica na Geografia Cultural, mais especificamente humanística, por oferecer princípios de compreensão do homem com a terra, o qual permite investigar o objeto da ciência geográfica bem como os fenômenos naturais, sociais e culturais, a partir da experiência.

Na perspectiva de Garcia (2019), a Literatura oferece aos geógrafos a possibilidade de superar uma leitura tradicional do espaço geográfico, como também as explicações mecanicistas, reducionistas e simplistas, que relegam os aspectos humanos ao segundo plano. Assim, ainda segundo Garcia (2019), é necessário superar o dogmatismo promovido pelo método positivista e avançar no modo de compreender as relações humanas no espaço, sendo a literatura uma possibilidade para essa ação.

Dessa forma,

a Literatura apresenta potencial riquíssimo para os geógrafos que buscam apreender sobre costumes, hábitos, relações sociais, visão de mundo e determinados comportamentos em épocas diferentes, além de permitir análises de conceitos como paisagem, território, lugar e espaço, os quais se apresentam ao leitor como plano de fundo na narrativa. (GARCIA, 2019, p. 1778).

Sendo assim, é importante destacar que o elo existente entre a Literatura e a Geografia faz com que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais instigante, pelo repertório social, cultural e natural que a Literatura promove para o ensino de Geografia. Nesse sentido, segundo Garcia (2019), cabe ao geógrafo fazer a interpretação da narrativa a fim de levantar novas indagações que proporcionem novas maneiras de conceber a relação homem-meio em diferentes épocas. Ainda segundo de Garcia (2019), a subjetividade, o enredo das narrativas tornam o homem consciente de si, e esse processo possui uma vivacidade que transmite ao leitor, além das ações dos personagens, suas visões de mundo e toda uma gama de sentimentos.

Desse modo, Garcia (2019) alega que esse processo condiciona interação do universo ficcional com a realidade do aluno, intermediado pela ciência geográfica, resultando em aprendizagem significativa sobre os aspectos humanos e naturais.

De acordo com Rodrigues (2019), a literatura auxilia os geógrafos, uma vez que apresenta um cenário repleto de descrições sobre o lugar que podem ser explorados pela Geografia. Cenário este repleto de imaginação, arte, modos de vida e personalidade dos personagens e que não estão fora de um contexto econômico e político maior, que imprime também suas características nos sujeitos e no espaço em que as narrativas são elaboradas.

De acordo com Cavalcante e Nascimento (2009, apud RODRIGUES, 2019), o texto literário deve ser utilizado como mais um elemento propiciador para o ensino de Geografia na Educação Básica, além do que, o aluno que adquire o gosto pela leitura adquire um maior leque de conhecimentos, situação essa que proporciona um melhor preparado e desempenho escolar, pois

as obras literárias descrevem ambientes geográficos e relatam passagens históricas de extrema importância para a compreensão do contexto sócio histórico narrado, bem como citam características de diversos personagens, relacionando-os à vida dos diferentes cenários [...] (RODRIGUES, 2019, p. 1019).

Além disso,

os textos literários vão além da relação espaço urbano/rural, e os estilos de vida decorrentes, pois pode atingir a descrição e explicação da interação entre os processos produtivos e a natureza, contribuindo na compreensão da construção da identidade regional e pode trazer exemplos de como os processos econômicos e políticos atuam na sociedade. (RODRIGUES, 2019, p. 1019).

Para Rodrigues (2019), a Literatura e o ensino de Geografia são importantes aliados no processo de ensino-aprendizagem pelo fato de que elas podem expressar a realidade geográfica

e histórica de uma época e a complexidade das relações sociais, políticas e econômicas de cada período. Logo, mediar os conteúdos geográficos associados a Literatura favorece um aprendizado crítico e reflexivo, além de ajudar a promover aulas instigantes e motivantes para o aluno, uma vez que as obras literárias fazem com que o ensino fuja de um modelo tradicional, sendo elas importantes recursos inovadores para as aulas de Geografia.

3.3 O Livro Paradidático nas Aulas de Geografia

No intuito de despertar o interesse do aluno pelas aulas de Geografia, os materiais paradidáticos podem ser excelentes recursos no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Gomes (2013), o material paradidático é um material pensado para ser um apoio ao professor em assuntos específicos. Esse pode ser um livro, uma figura, um quadro, um filme ou qualquer outro material que remeta a um assunto de interesse do profissional.

Especificamente em relação aos livros literários, denominados de paradidáticos, na perspectiva de Gomes (2009 apud OLIVEIRA; COSTA, 2013), o objetivo é integrar as discussões em sala com assuntos do cotidiano, a fim de ampliar o leque de conhecimento de mundo, devendo ele ser utilizado pelo professor como um material conectado ao conteúdo a ser ministrado, devendo esse estar atrelado ao planejamento.

Nesse viés, Fernandes (2003 apud AZEVEDO; ALMEIDA, 2013) descreve que o livro paradidático é muito utilizado como um complemento ao livro didático. Sendo esse modo de utilização orientado pelos autores de livros didáticos para o aprofundamento de um determinado tema. Nesse sentido, Fernandes (2003 apud AZEVEDO; ALMEIDA, 2013) destaca que essa pode ser uma forma de uso possível. Mas é importante salientar que a escolha de um tema e o aprofundamento da questão devem ser uma opção do docente. Ele é quem deve escolher, destacar o tema que deve ter um estudo mais apurado.

Ferreira (2021) salienta que o paradidático deve tanto apresentar os temas tradicionais do currículo de maneira mais detalhada como ainda incluir debates recentes na historiografia. Nesse caso, o paradidático torna-se um grande auxiliador no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Mateus (2018 apud FERREIRA, 2021), o paradidático deve utilizar aspectos mais lúdicos que os didáticos e, dessa forma, serem eficientes do ponto de vista pedagógico, bem como serem adotados de forma paralela aos materiais convencionais, sem substituir os didáticos.

Sendo assim, a finalidade de uma aplicação cuidadosa do livro paradidático no contexto de Ensino deve enfatizar o sentido de complementaridade e não substituição, ou ainda, sobreposição tanto do “saber científico” como do livro didático. (FERREIRA, 2021).

Diante do exposto, pode-se afirmar que os paradidáticos conseguem atrair, através de sua narrativa e do trabalho do professor, a atenção do aluno, promovendo um encontro mais significativo com a temática abordada.

Dentro dessa perspectiva, Cavalcanti (2002 apud SZARAZGAT 2014) salienta a importância de trabalhar sobre as diferentes formas de linguagem no ensino de Geografia, desde a linguagem verbal até o uso de figuras ilustrativas e meio de comunicação, podendo estabelecer, através desses recursos, a relação dos conteúdos geográficos com o conhecimento prévio do aluno.

Nessa perspectiva, Azevedo e Almeida (2013) alegam que um dos principais critérios de escolha de trabalhar com paradidático pelos professores de Geografia é a possibilidade de realizar uma análise geográfica junto a um trabalho com o texto literário, levando o aluno a perceber que em grande parte dos textos é possível realizar uma leitura com enfoque geográfico.

De acordo com Farias (2017 apud ANDRADE, 2018), o uso do paradidático nas aulas de Geografia propicia uma prática interdisciplinar, ação essa que contribui, através da prática da leitura, para a formação do senso crítico do aluno, propiciando uma decodificação da realidade atrelada a articulação com os conceitos já apreendidos.

Sendo assim, evidencia-se a interação entre a Geografia com os livros paradidáticos, como meio facilitador da construção do conhecimento, estimulando a participação ativa do aluno e sua melhor compreensão do espaço no qual está inserido.

Segundo Almeida e Calazans (2019), pode-se afirmar que os paradidáticos são importantes para auxiliar os professores a dinamizarem suas aulas e servem de complemento para possíveis insuficiências dos livros didáticos, contribuindo no processo de ampliação e contextualização dos conhecimentos e, conseqüentemente, no processo de letramento científico.

Todavia, de acordo com (SILVA, 2017, p.8 apud ALMEIDA; CALAZANS, 2019, p. 6),

Apesar das potencialidades do uso dos paradidáticos no ensino da Geografia na educação básica, “cabe destacar que os livros paradidáticos são materiais que praticamente não são utilizados pelos docentes de Geografia. Embora saibam da existência deles no contexto escolar e de suas possibilidades de uso, ainda não conseguem inseri-los no ambiente de sala de aula”

Dessa forma, Almeida e Calazans (2019) alegam que há uma necessidade de que, ainda em seu processo de formação inicial, os futuros professores possam ser embasados para a escolha e para o uso dos paradidáticos em sua prática em sala de aula.

Diante do exposto, fica notória a relevância dos paradidáticos no ensino de Geografia, visto que eles são capazes de tornar o ensino dinâmico e atrativo para os alunos, promovendo a interdisciplinaridade e uma alternativa para um ensino de Geografia significativo e conectado com a realidade vivida pelo aluno.

4 O USO DA LITERATURA PELOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE MACEIÓ: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Metodologia

Os resultados apresentados nesse Trabalho de Conclusão de Curso são frutos do Projeto de Pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ciclo 2019 – 2020, intitulado: “Ensino de Geografia e Literatura: O PNLD Literário nas Escolas Públicas Estaduais de Maceió”.

O processo de construção e efetivação da investigação foi orientada pela pesquisa de natureza qualitativa. Esse método, segundo Oliveira (2000), não foca na transformação dos dados coletados em estatística como o centro do processo de análise do problema investigado, mas objetiva compreender as particularidades que envolvem os aspectos não quantificáveis como a compreensão de atitudes, espectros psicológicos, motivações, valores, opiniões, percepções, entre outros.

O instrumento de recolha de dados escolhido foi o questionário (Apêndice), que segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 202), “a elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, devem-se levar em conta os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, [e] a formulação [...]”. Quanto à forma, as perguntas, ainda segundo as autoras, podem ser classificadas em 3 categorias abertas, fechadas e de múltipla escolha (MARCONI; LAKATOS, 2003 p. 204). As perguntas subjetivas, “também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Possibilita investigações mais profundas e precisas”. As questões objetivas, “também denominadas limitadas ou de alternativas fixas, são aquelas que o informante escolhe sua resposta entre duas opções”. Já as “Perguntas de múltipla escolha. São perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto” (MARCONI; LAKATOS, 2003 p. 206).

O questionário elaborado contém em sua estrutura 23 questões, sendo 14 do tipo objetivas (fechadas ou dicotômicas), 2 subjetivas (abertas) e 7 de múltipla escolha.

As perguntas contidas no questionário, voltado para os professores de Geografia da Rede Pública Estadual de Maceió, objetivaram saber: o perfil dos docentes pesquisados no que se refere ao tempo de atuação na docência e ao vínculo trabalhista de cada professor (questões de 1 e 2); a ação docente e a visão dos professores no que se refere a prática da leitura (questões 3, 4 e 8); se os docentes conheciam a estrutura da biblioteca/sala de leitura presente na escola na qual atuavam no momento da pesquisa (questões 5, 6 e 7); se utilizavam a Literatura como recurso didático nas aulas de Geografia (questões de 9, 10 e 11); se os professores tinham conhecimento sobre o PNLD Literário e a participação desses na escolha dos livros (questões de 12, 13, 14, 15 e 16, e por último, se os docentes tiveram preparação na formação para utilizar a literatura nas aulas de Geografia e se faziam uso das obras literárias nas aulas (questões 17 a 23)

Levando em consideração a localização do Campus A. C. Simões, foram elegíveis para a realização da pesquisa a 1ª e 13ª Gerencias de Ensinos (GERE) da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL), sendo os resultados apresentados nesse trabalho referentes apenas as escolas da 1ª GERE. A 1ª GERE engloba, além de Marechal Deodoro, Massagueira e Paripueira, os seguintes bairros de Maceió: Bom Parto, Farol, Prado, Centro, Ponta Grossa, Trapiche da Barra, Pontal, Vergel, Poço, Reginaldo, Jaraguá, Ponta da Terra, Pajuçara, Santo Eduardo, Jatiúca, Cruz Das Almas, Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria, Ipioca, Jacintinho, Feitosa, Barro Duro, Novo Mundo e Sítio São Jorge.

Estão vinculadas a 1ª GERE 52 escolas, diante do significativo quantitativo, foram escolhidas as instituições que ofertassem o Ensino Médio, que se localizassem na cidade de Maceió e que fossem as que apresentassem o maior quantitativo de alunos matriculados no Ensino Médio no bairro onde estavam localizadas, sendo selecionadas de acordo com os critérios estabelecidos, 6 escolas para serem pesquisadas, como de demonstra o Quadro 1, a seguir:

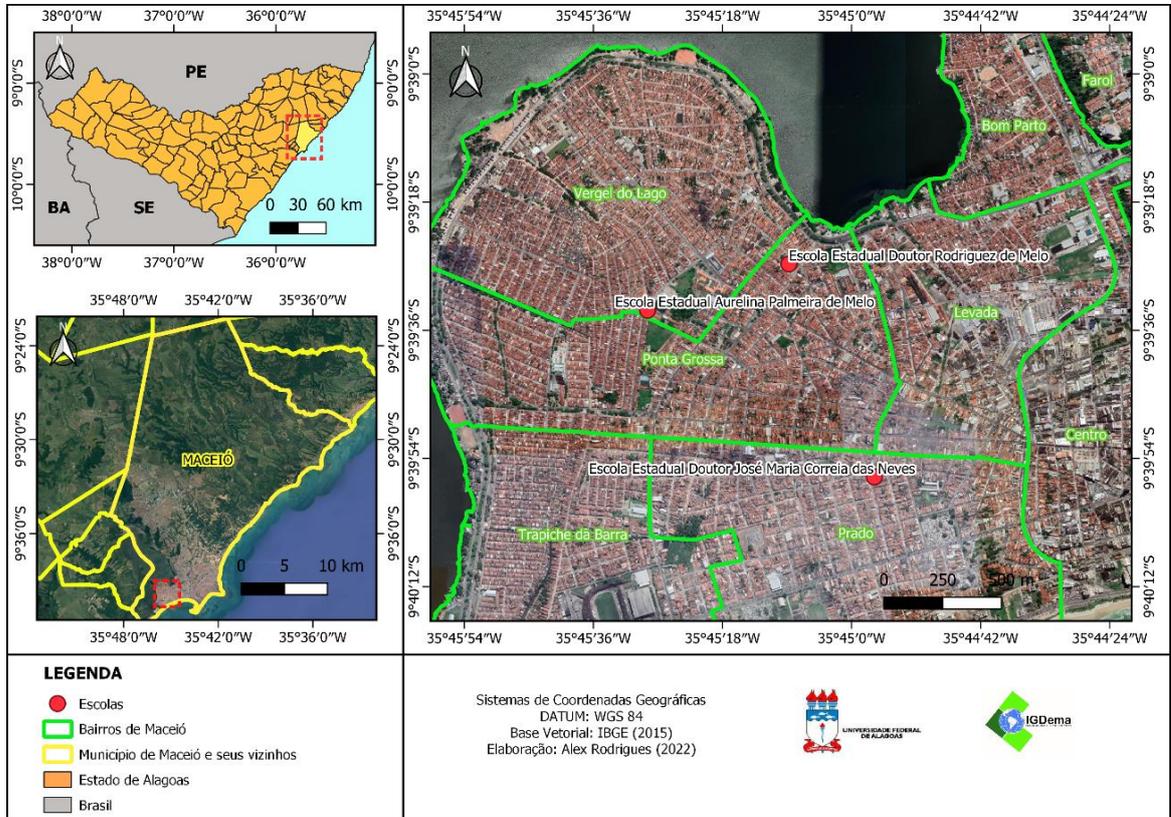
Quadro 1 – Escolas e seus respectivos bairros

ESCOLAS	BAIRROS
E. E. Profa. Aurelina Palmeira de Melo	Vergel do Lago
E. E. Dr. José Maria Correia das Neves	Prado
E. E. Dr. Fernandes Lima	São Jorge
E. E. Dr. Rodriguez de Melo	Ponta Grossa
E. E. Professor Benedito Moraes	Pajuçara
E. E. Campos Teixeira	Poço

Fonte: Acervo da pesquisa

Como apresentado no Quadro 1, foram abrangidos seis bairros através da investigação realizada nas escolas, como demonstram as Figuras 1 e 2.

Figura 1. Localização das Escolas pesquisadas



Fonte: Acervo da pesquisa

4.2 A Literatura como Recurso Didático nas Aulas ne Geografia das Escolas Públicas Estaduais de Maceió da 1ª GERE

4.2.1 O perfil dos professores, sua visão sobre a leitura e seu conhecimento sobre a biblioteca/sala de leitura da escola

Em relação aos resultados obtidos com a pesquisa realizada com os professores, se faz necessário apresentar os questionamentos feitos aos docentes e destacar aqueles que são importantes para serem discutidos.

Sendo assim, das 23 indagações contidas no questionário, a primeira pergunta foi sobre há quanto tempo os docentes atuavam na docência. Dos professores pesquisados, 3 professores informaram que trabalham a mais de 15 anos, 2 responderam que atuam na profissão entre 11 a 15 anos, 1 alegou que atua entre 1 a 5 anos e, por fim, 1 afirmou que trabalha na educação entre 6 a 10 anos. Logo, pode-se perceber que a maioria dos professores tem mais de 5 anos de atuação, o que demonstra uma certa experiência com a sala de aula.

O segundo questionamento feito aos professores foi sobre o vínculo trabalhista, para essa pergunta 5 dos educadores informaram ter vínculo efetivo e 2 como temporário.

Entre os questionamentos feitos aos docentes, o terceiro deles buscou saber se eles realizavam, durante as aulas, algum tipo de incentivo à leitura. Todos os professores afirmaram sim.

Também foi perguntado, no quarto questionamento, aos professores como eles classificam o interesse dos alunos da escola pela leitura. Para esse questionamento 3 alegaram que era baixo, 3 afirmaram que era regular e o restante 1 optou em não responder.

Foi perguntado ainda aos docentes, na quinta questão, se na escola que atuavam existia Biblioteca ou Sala de Leitura, todos os professores responderam que sim. Ainda sobre a Biblioteca/Sala de Leitura da escola também foi perguntado, na sexta questão, como eles classificavam a estrutura física desse espaço. Como resultado, 5 deles alegaram que era boa, 1 classificou como sendo péssima e 1 como sendo ruim.

A Sétima pergunta para os docentes diz respeito a disponibilidade de uso desse espaço pela comunidade, 5 responderam que está sempre disponível, 2 afirmaram que não.

Na oitava questão, foi perguntado aos docentes se eles levavam os alunos a Biblioteca/Sala de Leitura, 5 dos professores responderam que não, apenas 2 levam seus alunos. Os que levavam os alunos justificaram a ação afirmando:

“Atividades de pesquisa”. (P7)

“A pesquisa é essencial”. (P5)

Os que não levavam justificaram a ausência dessa atividade da seguinte forma:

“Por conta do espaço físico prefiro levar as literaturas p/sala de aula”. (P1)

“Como faz pouco tempo que comecei a lecionar nesta escola, ainda não tive oportunidades, mas pretendo levá-los”. (P4)

“Por conta de o tempo ser curto”. (P6)

Logo, percebe-se que os docentes que não levam os alunos para a Biblioteca/Sala de leitura são aqueles que encontram dificuldades com a estrutura física e ausência de tempo para aprimorar os trabalhos relacionados a leitura.

4.2.2 O uso da Literatura como recurso didático e o PNLD Literário

Mediante a relevância da Literatura como recurso didático e o PNLD Literário, na nona questão, foi perguntado aos professores se eles realizavam em suas aulas projetos de incentivos a leitura, 5 afirmou que realizava, 2 não realizava. Os que responderam que promoviam o incentivo à leitura, justificaram a ação da seguinte forma:

“Leitura e debate de textos”. (P3)

“Ainda não, mas pretendo no próximo ano”. (P4)

“De localização, leitura e pesquisa com atlas e afins”. (P5)

“Pesquisas voltadas para as questões ambientais”. (P6)

Os que não realizavam esse incentivo responderam que: “Neste ano letivo não”. (P1).

Diante das respostas obtidas, vale frisar que ajudar na criação do hábito da leitura vai além de indicar leituras ou “[...] propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, [...] a algo escrito, [...] (MARTINS, 1984, p. 34). Assim, não basta apenas a utilização de textos de apoio, ou uso do atlas.

Também buscou-se saber dos professores, na décima questão, se eles achavam que a literatura poderia ajudar no ensino da Geografia. Para esse questionamento eles todos responderam que sim.

Nesse contexto, cabe destacar que,

O ensino de Geografia pela literatura promove a ampliação das concepções conceituais e categóricas para os estudantes ao mesmo tempo em que estimula nova linguagem e, portanto, promove o desenvolvimento da capacidade crítica nos alunos para além do dogmatismo e da hierarquização de valores e conhecimentos orientados pelas metodologias positivistas [...] as relações filosófico-geográficas e didático-pedagógicas pela literatura promovem a ampliação da interpretação do que seja o mundo e como o mesmo é organizado, essa verificação crítica será direcionada pelas experiências dos estudantes pela leitura imbricada à sua própria cotidianidade (SILVA; BARBOSA, 2014, p. 80).

Foi perguntado também, na décima primeira questão, se eles já tinham utilizado ou utilizam a Literatura como recurso didático em suas aulas, 4 dos entrevistados responderam sim, 3 responderam que não. Nessa questão os professores justificaram suas respostas da seguinte forma: Os que alegaram ter utilizado justificaram a ação afirmando:

“O Sertão/Vidas Secas”. (P1)

“Sempre utilizamos o atlas geográfico”. (P5)

“Textos em conteúdos específicos”. (P7)

Os que disseram que não optaram e justificaram responderam: “Ainda não utilizei”. (P4)

Vale ressaltar, segundo Menezes e Kaercher (2015), o ensino de Geografia, embora existam algumas exceções (felizmente!), ainda é marcado pela memorização e reprodução de conteúdo.

Sendo assim, ainda de acordo com Menezes e Kaercher (2015), a Geografia na sala de aula ainda é baseada na descrição e classificação dos fenômenos. Ou seja, prevalece um ensino enciclopédico, em que são transmitidas informações descontextualizadas e desvinculadas da realidade.

Dessa forma, trata-se de transmissão, da ideia de educação bancária de Freire (2005) e não a construção do conhecimento. Sobre o uso da literatura nas aulas de Geografia, Menezes e Kaercher (2015), alegam que no ensino de Geografia, a Literatura deve ser uma aliada. Ou seja, pretende-se desmistificar a visão utilitarista da Literatura para o ensino dos conteúdos geográficos. Dessa maneira, propõe-se que esta arte não se restrinja a uma mera técnica para o ensinar e aprender Geografia.

Logo,

a Literatura exerce um papel relevante ao estimular a imaginação, a criatividade e a reflexão. Portanto, as aulas de Geografia tendem a tornarem-se ainda mais ricas e completas com a presença da Literatura. (MENEZES; KAERCHER, 2015, p.5)

Sendo assim, a utilização de atlas e textos de apoio não se enquadram na utilização coerente da Literatura nas aulas de Geografia. Tratando-se, a depender da forma como é utilizado pelo docente, como algo tecnicista e tradicional.

De acordo com Menezes e Kaercher (2015), a utilização de um romance, por exemplo, pode desencadear diversas reflexões que não se resumem à tópicos específicos do livro didático ou do currículo da disciplina. A Literatura pode propiciar discussões com a turma acerca do espaço como construção social, das relações de poder, da condição humana, da diferença entre classes, do compromisso político e social de cada sujeito. São questões amplas, geográficas também, mas não somente, visto que se trata de questões do cotidiano, de problemas globais.

Diante da importância do uso de obras Literárias como recurso didático, incluindo pelos professores de Geografia, os programas relacionados ao acesso aos livros pelos alunos das escolas públicas se fazem premente. O Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD) 2018, voltado para o Ensino Médio se propôs a ofertar para cada escola 50 títulos para compor o acervo das bibliotecas/sala de leitura das escolas. Vale ressaltar que, seguindo o Guia Digital do PNLD 2018 Literário, as escolas deveriam garantir que o corpo docente participasse do processo de escolha de modo democrático e transparente.

Logo, foi perguntado aos professores, na questão 12, se eles foram informados sobre a escolha dos livros pelo PNLD Literário, 4 alegou que não foi informado, 3 disseram que sim. Sendo assim, percebe-se que a maioria dos professores não tinham conhecimento sobre o PNLD Literário, o que dificulta o acesso e sua utilização nas aulas de Geografia.

Na décima terceira questão foi perguntada para aqueles que souberam da existência do processo de escolha, como obtiveram essa informação, 2 respondeu que através da direção da escola e 1 através de notificação em livros e 1 por escolas particulares.

A décima quarta pergunta foi sobre se os docentes participaram da escolha das obras do PNLD Literário. Para esse questionamento 2 afirmou que participou das escolhas das obras.

Aqueles que participaram, na decima quinta pergunta, foram questionados sobre quais fatores levou em consideração para a escolha das obras, sendo elas:

“Conteúdos mais claros, quantidade de atividades” (P6)
“Contextualização dos conteúdos” (P1).

Vale ressaltar que, diante das respostas obtidas, os professores demonstraram pouca familiaridade com a escolha das obras literárias, já que “Conteúdos mais claros, quantidade de

atividades”, não são propriamente critérios de escolhas de obras literárias, mas de livros didáticos.

Na décima sexta pergunta, foi indagado se os professores achavam importante a sua participação na escolha das obras, todos responderam que sim.

Portanto, percebe-se que apenas uma parcela dos professores entrevistados teve informação e participação no que se refere ao PNLD Literário, demonstrando assim uma carência de inclusão do docente no âmbito das obras literárias que chegam as escolas Públicas Estaduais de Maceió.

4.2.3 A literatura na formação inicial e continuada dos professores de Geografia e o hábito da leitura.

Sobre a formação inicial e continuada dos docentes, foi perguntado, na questão 17, se na graduação a Literatura havia sido apresentada como recurso didático a ser utilizada nas aulas de Geografia. Para esse questionamento, 5 dos professores alegaram que sim e 2 responderam que não.

Na décima oitava questão, foi perguntado se a SEDUC já havia disponibilizado algum curso de formação continuada voltado ao uso da Literatura como recurso didático nas aulas da disciplina de Geografia, 4 respondeu que não, 3 que sim.

Ainda sobre a formação continuada, foi indagado aos professores, na questão 19, se eles já teriam lido alguma produção científica sobre o uso da Literatura como recurso didático em sala de aula, especificamente nas aulas de Geografia, 5 respondeu que sim e, 2 respondeu que não.

Entretanto, mesmo com a maioria tendo sido informada na graduação sobre a Literatura como recurso didático para as aulas de Geografia, como também terem afirmado ter lido alguma produção que tratava sobre o assunto, a maioria não sabe ou não faz o uso de obras literárias associando aos conteúdos geográficos.

Também foi questionado aos docentes, na vigésima questão, se eles tinham lido algum livro nos últimos 12 meses, para essa questão 6 respondeu que sim, 1 respondeu que não. Também foi indagado, na vigésima primeira questão sobre quantos livros eles teriam lido nesse mesmo período, 3 alegou que leu de 3 a 5 obras, 2 afirmou que fez a leitura de 1 a 2 livros e 1 que leu mais de 5 livros.

Para conhecer o perfil de leitura dos professores, foi perguntado na questão 22, que nomeasse ao menos uma das obras lidas no intervalo de 12 meses. As obras citadas foram:

“O que é cultura?”, “O negro em Alagoas” e “Caminhos da China”. (P3)

“C.S. Lewis”. (P1)

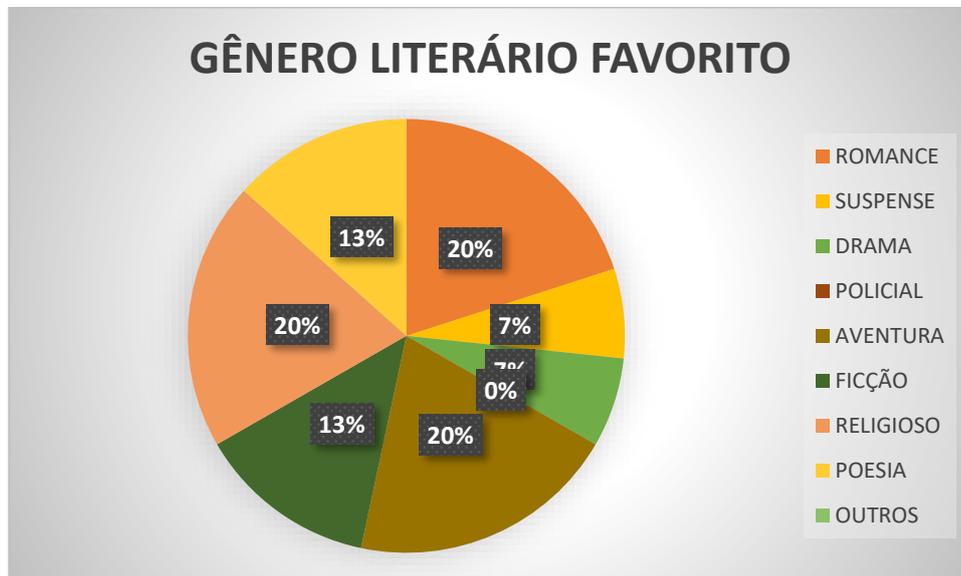
“Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil – Ab’ Saber”. (P5)

“O extraordinário”. (P6)

“A história da ditadura militar no Brasil”. (P7)

Na pergunta de número 23, última do questionário, foi indagado aos professores qual o gênero literário que eles mais gostavam (Gráfico 1), para essa questão, os docentes poderiam escolher mais de um gênero.

Gráfico 1 - Gêneros literários que os professores mais gostam.



Fonte: Acervo da pesquisa.

Partindo desse pressuposto, Rodrigues, (2017, p. 29), alegam que

mesmo os professores sendo capazes, instruídos e dedicados, na maioria das vezes, em seu ambiente de trabalho, se sentem impossibilitados em despertar a curiosidade de seus alunos e fazer com que mantenham atenção em suas aulas, ter o controle sobre a turma, tornar as aulas mais interessantes, com propostas inovadoras. Contudo, essas situações descritas podem causar, ao docente, muito desânimo e/ou a falta de estímulos necessários para planejar devidos conteúdos escolares e, dessa forma, muitos se sentem desmotivados a continuar no desenvolvimento de seu ofício. (RODRIGUES, 2017)

Sendo assim, é necessária a parceria na formação continuada para o pleno desenvolvimento do professor. Nesse viés, Delors (2003 apud RODRIGUES; LIMA; VIANA,

2017) afirma que a qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores do que pela sua formação inicial.

Ainda na perspectiva de Delors (2003 apud RODRIGUES et al., 2017), os professores são afetados por necessitarem de atualização de conhecimentos e competências. A vida profissional do docente deve se organizar de modo que tenham oportunidade, ou antes, se sintam obrigados a aperfeiçoar sua arte e se beneficiar de experiências vividas em diversos níveis da vida econômica, social e cultural.

Nessa Perspectiva, compreende-se que a formação do professor, seja ela inicial ou continuada, é fundamental para o bom exercício da profissão, são saberes históricos, teóricos e práticos que fomentam a atuação desses profissionais. De forma concomitante a esta formação, está a construção e a definição da sua identidade profissional (RODRIGUES; LIMA; VIANA, 2017).

Logo, a formação continuada do professor no que concerne ao elo existente entre Geografia e Literatura é relevante pelo fato de que, segundo Rodrigues (2019), a Geografia há muito tempo tem chamado atenção para as relações interdisciplinares, numa constante parceria com a história, mas também, para as artes, em especial, a literatura. No decorrer da evolução do pensamento geográfico, alguns autores chamam a atenção para o vínculo com a literatura, para conhecer e compreender distintas categorias analíticas, como regiões, paisagens ou lugares.

Sendo assim, ainda na perspectiva de Rodrigues (2019), literatura traz para o geógrafo uma oportunidade de expandir os horizontes da Geografia, fornece matéria-prima para pensar o espaço, pelo olhar de escritores que simulam diversas realidades.

Por isso é importante que o docente leia obras acadêmicas que façam com que ele compreenda o universo de oportunidades no que concerne a metodologias no ensino de Geografia com Literatura.

CONCLUSÃO

Diante da necessidade de um ensino que desperte a criticidade no aluno, o presente trabalho enfatiza que o uso da literatura como recurso educativo nas aulas de Geografia cria possibilidades para fugir de um ensino tradicional e abre oportunidade para um ensino que chame a atenção do aluno e possibilite que ele amplie seus conhecimentos e compreensão da Geografia através das obras literárias.

Vale salientar que a Geografia passou por um longo e complexo processo de consolidação enquanto disciplina escolar, mas, apesar desse percurso, até os dias atuais, ainda se faz presente, tanto na academia quanto em muitas escolas, uma visão e uma prática docente voltada para uma concepção tradicional do ensino da Geografia na Educação Básica. Diante dessa realidade, faz-se necessária uma Geografia escolar que através de novas metodologias e do uso de recursos, como as obras literárias, promova um ensino da Geografia significativo e problematizador.

É nessa perspectiva que se faz profícua a interação entre a Geografia e a Literatura, pelo fato de que elas podem expressar a realidade geográfica e histórica de uma época e a complexidade das relações sociais, políticas e econômicas de cada período. Logo, mediar os conteúdos geográficos associados a Literatura favorece um aprendizado crítico e reflexivo, além de ajudar a promover aulas instigantes e motivantes para o aluno, uma vez que as obras literárias fazem com que o ensino fuja de um modelo clássico de ensino.

Dessa forma, o estudo realizado neste Trabalho de Conclusão de Curso, destaca o ainda desafiador uso de novas metodologias na educação, sendo mais especificamente, o uso da Literatura como recurso didático nas aulas de Geografia. Apesar da importância da Literatura nas aulas de Geografia e de sua grande contribuição para a compreensão da realidade vivida pelos alunos, em consonância a uma análise feita através dos conteúdos geográficos, é possível perceber através dos dados que isso ainda não foi compreendido pelos professores de Geografia investigados, uma vez que a prática relatada pelos docentes não é adequada com o uso de uma obra literária nas aulas de Geografia.

Também foi possível averiguar que os docentes pesquisados ainda fazem confusão sobre o que é uma obra literária, bem como foi possível perceber que os inquiridos desconhecem o que seria de fato o incentivo ao hábito de leitura dos alunos.

Sobre a participação do professor na escolha das obras literárias referente ao PNLD Literário, foi possível averiguar que nem todos participaram, apesar da importância da participação de todos os docentes, incluindo o de Geografia, no processo de escolha das obras

literárias que iriam atualizar o acervo das salas de leitura/bibliotecas das escolas nas quais atuavam, no momento da pesquisa, como docentes.

Também foi possível perceber que mesmo a maioria alegando ter sido informada sobre a possibilidade de utilizar obras literárias nas aulas de Geografia, como também de ter conhecimento acadêmico sobre a relação Geografia/Literatura na educação básica, a maioria não faz o uso das obras literárias de forma satisfatória nas suas aulas.

Assim, pode-se concluir que, apesar das potencialidades da relação da Geografia escolar com a Literatura, essa prática, por parte dos professores de Geografia, ainda é tímida nas escolas pesquisadas, situação essa que pode vir a dificultar a mediação dos conteúdos geográficos de forma crítica, reflexiva e significativa para os alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. P.; CALAZANS, D. R. O que Cinderela e a Bela e a Fera têm a ver com a Geografia?. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 9, p. 1 – 15, 2019
- ANDRADE, C. F. F. *et al.* O uso de paradidáticos e a interdisciplinaridade. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Recife. **Anais [...]**. Recife, 2018. p. 1 – 10
- AZEVEDO, S. C.; ALMEIDA, C. G. B. O paradidático como instrumento facilitador no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 4, n. 6, p. 139-148, 2013.
- BARBOSA, M. E. S. A geografia na escola: Espaço, tempo e possibilidades. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n.12, p. 82-113, jan./jun. 2016
- CARDOSO, C.; QUEIROZ, D. E. Reflexão sobre o ensino de Geografia, desafios e perspectivas. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRÁFOS, 18., 2016, São Luiz. **Anais [...]**. São Luiz, 2016. p. 1-10
- COELHO, Maria Rosana. *et al.* literatura e geografia: um elo possível. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3. 2016, Rio Grande do Norte. **Anais[...]**.Rio Grande do Norte: UEPB, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/resumo.php?idtrabalho=3387>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- COSTA, S. O.; ALMEIDA, J. N. Os desafios de lecionar Geografia no Ensino Fundamental II: um estudo com os professores das escolas públicas do município de Areia-PB. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2. 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande, 2015, p. 1-12
- FERREIRA, V. E. Sobre o livro paradidático: Caracterizações e possibilidades de intervenção no ensino e no ensino de história e do espaço da história afro-brasileira e das relações étnico raciais. *In:* ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 12., 2021, Pará. **Anais [...]**. Pará, 2021. p. 2 – 11
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, M. X. A. A importância do uso da Literatura como recurso facilitador no processo de aprendizagem. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 98 – 110, 2020.
- GARCIA, G.G. Literatura como proposta didática para o Ensino de Geografia. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICAS, LINGUAGENS E TRAJETÓRIAS, 14., 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas, 2019. p. 1775 – 1786
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papyrus, 1985.
- MACHADO, G. B. A importância da Geografia na formação do aluno. **Revista Semana Acadêmica**, Fortaleza, ano 20, v.2, n. 194, p. 1-17, 2020.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MENEZES, S. V.; KAERCHER, N. A. A Literatura nas aulas de Geografia: Para além de um recurso pedagógico. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA*, 8., 2015, Goiás. **Anais [...]**. Goiás, 2015. p. 1 – 14

OLIVEIRA JUNIOR, J. S. Um panorama sobre a trajetória da geografia enquanto ciência e disciplina escolar. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v.21, n.74, p. 178-193, 2020.

OLIVEIRA, A. F. T.; COSTA, P. A. A utilização de livros paradidáticos como recurso no ensino de Geografia Econômica. **Revista Polidisciplinar**, Guairacá, v. 5, n. 2, p. 4 – 14, 2013

OLIVEIRA, S.L. **Tratado de metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

PEREIRA, R. M. F. A. **Da Geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.

PINTO, R. F.; CARNEIRO, R. N. O ensino de Geografia no século XXI: práticas e desafios do/no Ensino Médio. **Revista Geointerações**, Assú, v.3, n.2, p. 3-22, 2019.

RIBEIRO, M. W. Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 817-834, 2011.

RODRIGUES, A. L. Geografia e Literatura: experiência na formação de professores dos anos iniciais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICAS, LINGUAGENS E TRAJETÓRIAS*, 14., 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas, 2019. p. 1016 – 1027

RODRIGUES, P. M. L. et al. A importância da formação continuada de professores da educação básica: a arte de ensinar e o fazer cotidiano. **Revista Saberes Docentes em Ação**, Maceió, v. 03, n. 01, p. 28 – 47, 2017

SANTOS, R. **A importância da Literatura no ensino médio**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte, Guarantã do Norte, 2017

SEGALA, F. J.; LEME, R. C. B. Caminhos da ciência geográfica: de sua sistematização à disciplina escolar. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 12., 2015, Paraná. **Anais [...]**. Paraná, 2015. p. 15313-15326.

SILVA, A. I.; BARBOSA, T. O ensino de Geografia e a literatura: uma contribuição estética. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, p. 80 – 89, 2014.

SUESS, R.C.; LEITE, C. M. C. Ensino de Geografia e Geografia humanista: aproximações a partir da teoria paulofreiriana e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 8, n. 15, p. 157-197, jan. /jun. 2018.

SZARAZGAT, M. O uso dos recursos paradidáticos no ensino de geografia e sua relação com a experiência no estágio obrigatório. **NEPEgeo**, Florianópolis, 2014, disponível em <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Maur%C3%ADcio1.pdf>

APÊNDICES

Apêndice A



QUESTIONÁRIO – PROFESSOR(A)

O presente questionário destina-se a conhecer a percepção dos professores das Escolas estaduais de Maracá, pertencentes a 1ª e 13ª GERE, sobre o PNLD Literário e sobre o hábito de leitura dos alunos, bem como sobre suas práticas pedagógicas.

Escola: _____

01. Há quanto tempo você atua na docência?

1 à 5 anos () 6 à 10 anos () 11 à 15 anos ()
Mais de 15 anos ()

02. Qual seu vínculo trabalhista?

Efetivo () temporário ()

03. Você realiza em sua aula algum tipo de incentivo à leitura?

Sim () Não ()

Justifique: _____

04. Como você classifica o interesse dos alunos da escola pela leitura?

Alto () Regular () Baixo () Nenhum ()

05. Nessa escola existe Biblioteca/Sala de Leitura?

Sim () Não () (Pule para a questão 09)

06. Se sim, como você classifica a estrutura física da Biblioteca/Sala de Leitura da escola?

Excelente () Boa () Ruim () Péssima ()

07. A biblioteca está sempre disponível/aberta para o uso?

Sim () Não () Não sei informar ()

08. Nas suas aulas, você leva os alunos a biblioteca?

Sim () Não ()

Justifique: _____

09. Nas suas aulas você realiza/realizou projetos de incentivo à leitura?

Sim () Não ()

Justifique: _____

10. Para você, a literatura pode ajudar no ensino da Geografia?

Sim () Não ()

Justifique: _____

11. Você utiliza/utilizou obras literárias como recurso de ensino nas aulas de Geografia?

Sim () Não ()

Justifique: _____

12. Você foi informado sobre o PNLD literário?

Sim () Não () (Pule para a questão 17)

13. Se sim, como obteve essa informação?

Direção da escola () SEDUC () TV () Internet ()
outros (). Qual(is)? _____

14. Você participou da escolha dos livros do PNLD literário?

Sim () Não ()

15. Se sim, quais fatores você levou em consideração para a escolha dos livros?

16. Você julga necessária a participação do professor de Geografia na escolha das obras literárias?

Sim () Não ()

Justifique: _____

17. Na sua formação inicial, foi apresentado a literatura como um recurso de ensino da Geografia?

Sim () Não ()

18. A SEDUC já disponibilizou algum curso de formação voltado ao uso da literatura no ensino da Geografia?

Sim () Não ()

19. Você leu alguma produção acadêmica que abordasse o uso da literatura no ensino da Geografia?

Sim () Não ()

20. Você leu algum livro nos últimos 12 meses?

Sim () Não ()

21. Se sim, quantos livros você leu nos últimos 12 meses?

De 1 a 2 () De 3 a 5 () Mais de 5 () Nenhum ()

22. Se sim, nomeie ao menos uma dessas obras.

23. Qual o gênero literário que você mais gosta? (Marque até 3 gêneros literários)

Romance () Suspense () Drama () Policial ()
Aventura () Ficção () Religioso () Poesia ()
Outros (). Qual? _____